

TESSITURAS

Revista de Antropologia e Arqueologia

V6 | N2 | JUL-DEZ 2018

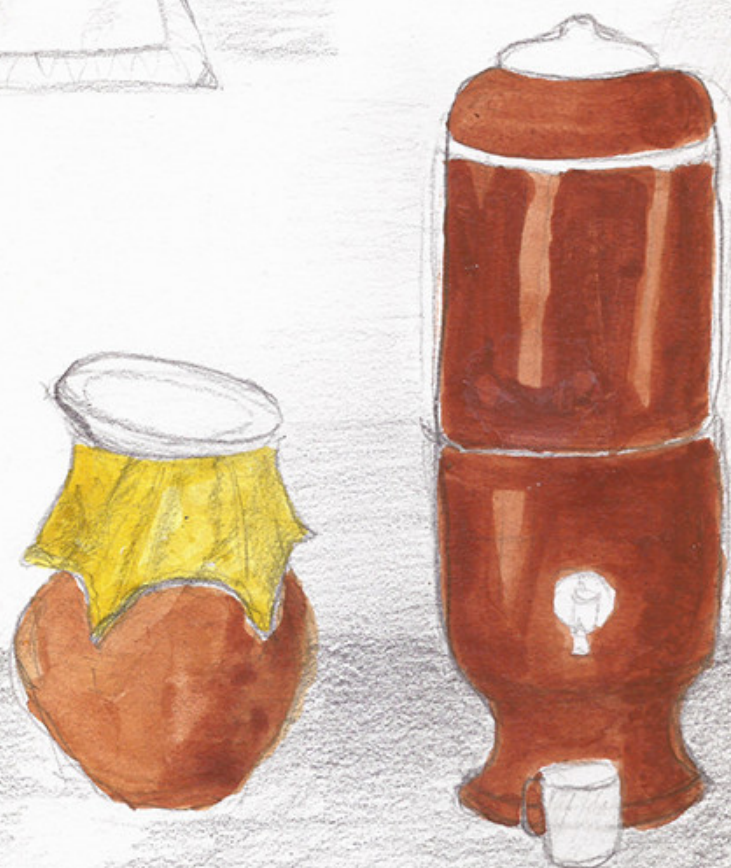


Ilustração: "De barro" Fábria Schnoor - 2011

Dossiê:

Casa, corporalidade e gênero em contextos camponeses e de povos tradicionais

Graziele Dainese (UNILAB)

Ana Carneiro (UFSB)

Renata Menasche (UFPEL)

CASA E CORPORALIDADE EM CONTEXTOS CAMPONESES E DE POVOS TRADICIONAIS

Neste dossiê, propomos explorar a combinação entre o tema da casa (ou da domesticidade), na esteira de uma trajetória consistente nos estudos do rural, e a questão da corporalidade (incluindo classificações da comida; comensalidade e consubstancialidade; construção da pessoa; criação de intimidade), particularmente presente nos estudos voltados aos povos indígenas e de matriz afro. Sob a ampla rubrica dos “povos tradicionais”, abre-se a possibilidade de novas combinações entre temas clássicos da narrativa agrária e uma série de situações antes postas como marginais pelo paradigma do campesinato. O enfoque etnográfico – entendido aqui a um só tempo como técnica de campo e método de análise – promove recombinações, cruzamentos criativos entre as diferentes tradições disciplinares voltadas a povos intimamente ligados à terra e ao território. Assim, somando-se à seleção dos artigos elaborados para este dossiê, apresentamos duas preciosidades que – diferentes entre si no tocante aos debates teóricos aos quais se remetem – servem-nos ao intuito de homenagear recombinações etnográficas que hoje nos inspiram no caminho dessas discussões: uma entrevista exclusiva com Ellen Woortmann e um artigo escrito por Jeanne Favret-Saada e Josée Contreras em 1990.

Boa parte dos artigos aqui reunidos tem origem no Simpósio Pós-Graduado (SPG) “Casa, comida e gênero: olhares etnográficos”, realizado no 41º Encontro Anual da Anpocs, em outubro de 2017. Não à toa, é sobretudo através do viés de gênero que o cruzamento temático entre casa e corporalidade promove uma discussão crescente e até pouco tempo

inexpressiva nos estudos rurais: a casa, pensada não tanto como espaço físico delimitado, ou unidade de consumo (complementar à produção na roça), mas antes como criadora de relações diversas, tanto íntimas como públicas. É então que as formas de pensar e viver acontecimentos “políticos” encontram novos contornos analíticos, possibilitando-nos repensar pressupostos de gênero muitas vezes tidos como ponto pacífico em áreas rurais no Brasil.

Pelo viés de gênero, buscávamos descrições do “social” com base em categorias femininas, isto é, aquelas que colocam em primeiro plano a agência das mulheres. Coordenado por Grazielle Dainese e Ana Carneiro, com mediação de Renata Menasche, o SPG da Anpocs reuniu trabalhos nas áreas de “ruralidade”, “etnologia” e “estudos de quilombolas”, todos de uma forma ou de outra voltados aos variados modos de vida e formas de socialização observáveis desde o ponto de vista da “casa”. Por este caminho, apontavam para uma abordagem que também se mostrou recorrente nos demais trabalhos propostos para publicação neste dossiê, a saber: a variada movimentação entre casas e nos seus interiores e arredores é entendida como chave de leitura dos processos de formação coletiva. Assim, neste volume, condutas diferenciadas de hospitalidade marcam mapeamentos entre os de “dentro” e os de “fora”; “nós” e “eles”, pertencimento e diferença (cf. Alves; Camarote; Fileno; Neves de Lima e Oliveira; Perutti). Similarmente, o conhecimento das práticas culinárias associado ao saber sobre os acontecimentos do corpo apresentam-se como centrais na criação e recriação da vida coletiva, bem como de suas formas de resistência frente às práticas de expropriação a que são submetidos (De Christo; Da Rocha; Lovo; Neves de Lima e Oliveira). A descrição das dinâmicas da casa serve-nos assim para entender processos de reconfiguração social promovidos por atores exógenos, seja diante de políticas públicas do governo federal (Perutti) ou diante da presença do antropólogo (Fileno), seja nas estratégias de retomada dos territórios indígenas (Seraguza; Da Rocha) ou no deslocamento forçado após o rompimento da barragem do Fundão (Neves de Lima e Gontijo). Em alguns casos, o próprio corpo é o lugar de resistência (De Christo e Alves). A dimensão cotidiana surge como eixo das descrições, provocando olhares incisivos, tanto quanto sutis, a respeito de acontecimentos extremos.

O primeiro artigo deste dossiê trata de políticas públicas direcionadas às casas e reflete sobre o modo como tais políticas influenciam e são influenciadas pelos modos de habitar dos quilombolas de Família Magalhães (GO). No texto “Em cada casa, uma carta: políticas públicas e modos de habitar no quilombo Família Magalhães (GO)”, Daniela Perutti parte das relações entre agentes do governo, antropóloga e moradores desse quilombo a fim de refletir sobre as articulações entre as lógicas de construção de habitações e fixação de pessoas que orientam

essas políticas e os arranjos gerados por um “modo de ser amigueiro”. O foco sobre o papel das mães na criação e estratégias em adaptar a política pública em vista das dinâmicas particulares do quilombo é um ponto de destaque na discussão da autora.

As reflexões sobre o lugar das práticas femininas na constituição de formas de habitar e de organizar a casa é tema do artigo “Cozinha, café, prosa e cuidado: rupturas e permanências no cotidiano de mulheres e da comunidade atingida Pacaratu de Baixo, Mariana”, escrito por Gabriela Neves de Lima e Fabiano Gontijo Oliveira. O ponto de partida são as continuidades e permanências geradas pelo rompimento da barragem de Fundão no cotidiano das mulheres. Logo, a criação de uma rotina doméstica e de vizinhança, após o desastre sociotécnico, se apresenta como acontecimento a partir do qual os pesquisadores acessam práticas de domesticidade (dentre elas a hospitalidade, a comensalidade e o cuidado das pessoas que convivem na casa e que a ela estão relacionadas), fundamentais à constituição do gênero feminino, bem como dos modos de vida ali vividos. Nesse momento de readaptações suscitadas pelo deslocamento forçado de suas antigas casas, as mulheres falam aos pesquisadores sobre vivências da casa e do gênero e os esforços por retomar essas experiências.

O interesse por uma sociabilidade criada pela circulação nas e entre as casas motiva a escrita do trabalho de Camarote. Em “Casa e vicinalidade entre camponeses do Sertão de São Francisco”, a autora apresenta a trajetória de Dona Louzinha a fim de refletir sobre as dinâmicas da vicinalidade que organizam e qualificam a experiência familiar e doméstica das pessoas da localidade de Lages das Aroeiras, situada no Sertão do São Francisco. Camarote aponta para uma dimensão fundamental à compreensão dos processos de posse da terra entre povos camponeses, ao destacar o lugar da casa e das práticas do habitar que ali são experimentadas. Se é o trabalhar e o habitar que fazem desses camponeses os donos legítimos da terra, tais vínculos se qualificam a partir de uma sociabilidade criada na circulação e agregação de pessoas, cujo ponto focal são as casas.

Os temas da mobilidade e da circulação também se destacam como tópicos importantes para Arianne Lovo. Sobre os Pankararu, a autora descreve os deslocamentos que conectam aldeia e cidade, criando assim um modo de habitar orientado pela expansão de relações pelo mundo. Ao assinalar o lugar dos movimentos na tessitura dos territórios Pankararu, o artigo “A casa Pankararu: produção de afetos, pessoa e memória” reflete sobre a casa como lugar de práticas de cura, da divisão espacial entre masculino e feminino e das conexões entre corpo e casa, percebidas e analisadas desde as referências até as influências e forças que podem ou não atingir corpos/casas “abertos” ou “fechados”. Neste sentido, práticas de

cura, de resguardo e de proteção voltadas às casas e às pessoas apontam para a contiguidade/coextensividade existente entre casa e corpo.

Em seguida, o artigo "Cultivando resistência: cuidado e proteção frente aos riscos nas práticas de uma chazeira quilombola", de Dirce Cristina de Christo, trata da comunidade quilombola de Umbu e apresenta uma reflexão baseada na centralidade das presenças femininas para a produção da vida nesse lugar. As práticas de uma chazeira ganham a cena etnográfica à medida que a autora questiona como o conhecimento sobre corpos e pessoas atualiza memórias e saberes fundamentais à permanência e defesa do território quilombola. As problematizações sobre essas práticas femininas nos falam sobre como as conexões das pessoas com a terra e o território são geradas e incentivadas pela presença das mulheres e por seus conhecimentos sobre os corpos.

A atenção ao protagonismo feminino e às práticas que conectam casas e territórios conduz às reflexões sobre o lugar do gênero na constituição de modos de vida de um povo. Seguindo essa premissa, em "Ele não sabia nada e elas ensinaram tudo – a agência das mulheres mura no processo de humanização", Fernando Fileno fala da agência feminina na criação de pessoas e dos laços de parentesco. Ao tratar da experiência Mura, o autor percebe que a domesticação do alimento, criada pelo cozinhar, assim como as trocas que os distribuem entre casas e turmas, é o ato de humanização fundamental replicado cotidianamente no cuidado dos corpos dos recém-nascidos: quem alimenta é quem cuida e, assim, localiza a criança na rede de relações que a transforma em pessoa (porque a faz parente de alguém). A descrição desses acontecimentos fundamenta o argumento principal do artigo voltado à importância do feminino nesse processo de humanização.

O conhecimento das dinâmicas da casa é ampliado por esses olhares sobre as práticas da comensalidade, da hospitalidade e da convivialidade. O tema da casa aproxima-se então da domesticidade, tal como se vê nas descrições que Yara Alves apresenta no artigo intitulado "As mães que *enraízam* e o *mundo* que gira: *criação* e movimento no Vale do Jequitinhonha-MG". Nesse trabalho, a autora relata processos de familiarização que são criados nas cozinhas, e o "comer junto" é apresentado como ato constitutivo das relações familiares e de parentesco. Atenta aos deslocamentos e movimentações que participam da vida dessas pessoas, Alves descreve os liames tecidos por conhecimentos e práticas maternas, os quais possibilitam a circulação dos filhos pelo mundo e ao mesmo tempo os conectam à casa e à família. Nesse sentido, a autora argumenta que o vínculo de um filho com a casa da mãe (a casa raiz) depende do investimento na formação das pessoas. Esse trabalho é chamado de *criação* e envolve diferentes práticas: cuidar, nutrir, educar.

Ao por em relevo os atos femininos na casa (e os trabalhos o fazem,

principalmente, por investirem na etnografia da vida vivida entre cozinhas e quintais), o corpo é visto em destaque, de modo que a atenção às relações entre casa, corpo e gênero permite aos estudos que compõem este dossiê perseguir conexões imprevistas entre domesticidade e socialidade. Por essa perspectiva, chegamos aos artigos que fecham este volume, assinados por Lauriene Seraguza e Cinthia Creatini da Rocha, baseados em reflexões sobre a participação feminina em diferentes modos de experimentar a política. Seraguza, ao tratar da experiência das mulheres Guarani e Kaiowá no contexto das retomadas dos territórios indígenas, aponta para aspectos particulares da ação política feminina, bem como a centralidade dessas práticas específicas na construção da resistência no território. No artigo "Mulheres em *retomadas*: sobre política e relações de gênero entre os Kaiowá e Guarani em Mato Grosso do Sul", a autora argumenta que o envolvimento das mulheres é fundamental no contexto das retomadas, à medida que suas práticas atualizam as redes de relações constitutivas do *tekoha*. Para além desses aspectos, reflete também sobre as potencialidades da fala feminina e suas influências nas tramas da convivência cotidiana e dos eventos da política.

Das retomadas realizadas pelos Guarani e Kaiowá àquelas protagonizadas pelos Tupinambá de Olivença, as perspectivas se voltam para o modo como os agenciamentos femininos constituem um campo importante da ação política coletiva. No artigo "Comer na mesma panela: agência das mulheres indígenas na sociopolítica Tupinambá", Cinthia Creatini da Rocha aborda as experiências políticas Tupinambá a partir das inter-relações cotidianas quando descreve os atos de aproximar e afastar pessoas a partir de padrões que mobilizam tanto as relações de parentesco quanto aquelas feitas pela atividade política, isto é, a estratégia de retomada. A comensalidade, entendida como ação de cuidado e afeto, envolve não apenas as relações familiares, abrangendo os contextos mais amplos do que se entende por política ameríndia. A alimentação, ao lado dos partos, rezas e benzeduras, participa das práticas femininas de criação e preparo de corpos individuais e coletivos. As lógicas da comensalidade e da política local articulam-se assim através da fórmula "comer na mesma panela".

Por fim, Ana Luisa Araújo de Oliveira traz uma resenha de *Plantar, colher, comer: um estudo sobre o campesinato goiano*, escrito por Carlos Brandão em 1981, levando-nos a rememorar outra etnografia de referência (como as mencionadas inicialmente) no debate proposto aqui a partir dos temas da casa e da corporalidade.

Esse conjunto de trabalhos dá mostras de um diálogo que tem se aprofundado com entusiasmo e boas surpresas em diversas ocasiões desde aquele primeiro encontro na Anpocs de 2017. Ficamos felizes em poder compartilhá-los neste número da *Tessituras* e desejamos uma boa leitura!